

IN MEMORIAM

## UMA ABORDAGEM ANTROPOLÓGICA DE VALOR NO BRASIL: A CONTRIBUIÇÃO DE THALES DE AZEVEDO

Em 1993, Maria de Azevedo Brandão entregava à publicação uma lista que já ultrapassava 300 títulos, para compor a bibliografia das variadas obras de seu pai, o antropólogo Thales de Azevedo; fôra esta organizada para festejar os 90 anos de seu genitor, que os completaria no ano seguinte (BRANDÃO, 1993). Em boa hora foi realizado o levantamento, pois seu autor pôde ainda apreciá-lo, já que faleceu a 6 de agosto de 1995, quando prestes a completar 91 anos.

Percorrendo a listagem que consta de THALES DE AZEVEDO: DADOS DE UMA ASSINATURA (BRANDÃO, 1993), surpreende a quantidade de problemas que lhe chamaram a atenção; sobre alguns efetuou pesquisas, outros foram abordados em artigos, mas também dedicou sua atenção a acontecimentos que julgou importantes e para os quais quis dar a opinião do cientista social. Não há dúvida de que o Brasil é um campo de estudos particularmente rico; porém o grande número de excelentes contribuições revelam uma rica personalidade.

Sua atenção se voltou para os problemas históricos, tendo publicado em 1949 o POVOAMENTO DA CIDADE DE SALVADOR, com paciente coleta de dados históricos; uma solicitação da UNESCO fê-lo estudar LES ÉLITES DE COULEUR DANS UNE VILLE BRÉSILIEENNE em 1953; problemas exclusivamente culturais também o atraíram, como o demonstram inúmeros artigos e alguns livros, entre os quais se nota, datado de 1975, NAMORO À ANTIGA: TRADIÇÃO E MUDANÇA. O que mais se destaca entre as contribuições que se aglomeram, foi sua contínua inquirição sobre o catolicismo nacional; veja-se, primeiramente, o precioso ensaio "Catholicism In Brazil: a personal evaluation", publicado em 1953 na revista americana THOUGHT; mais tarde, em "Problemas Metodológicos da Sociologia do Catolicismo no Brasil", dado à luz em 1963, na REVISTA DO MUSEU PAULISTA, abre interessantíssimos caminhos novos par a investigação desta questão, tanto mais que sendo o catolicismo a religião mais difundida no país, também aparece como a que menos tem atraído a atenção dos cientistas sociais.

Na coleção de obras de Thales de Azevedo, seja qual for o aspecto abordado, a compreensão do Brasil social e cultural constantemente é notada, tendo como fulcro a Bahia; um outro ponto de referência também surge com certa freqüência. É, portanto, o problema da identidade social que o autor tenta captar, explícita ou implicitamente, seja na região da Bahia em que a miscigenação e a incorporação

sócio-cultural se operaram com maior vigor, seja no Rio Grande do sul, em que a imigração branca, representada por portugueses, alemães e italianos vigorosamente se instalou de maneira mais recente, a partir do sec. XIX. Desta forma, as pesquisas sobre o catolicismo, vem em segundo lugar a busca da identidade cultural no quadro dos problemas que o atraíram.

Quando Thales de Azevedo se encontrava no curso superior, estudando medicina, a fusão racial e sócio-cultural era encarada como um obstáculo ao progresso da nação; apontava-se a necessidade da superação dessa heterogeneidade nacional como um pré-requisito indispensável para que o desenvolvimento econômico e intelectual nela se instalasse. O branqueamento dos indivíduos e o abandono de maneiras de ser e de fazer conservadas do passado eram imprescindíveis para que o progresso se instalasse no Brasil; assim pensava Oliveira Vianna, por exemplo. Mais tarde um pouco, Gilberto Freyre, em seu trabalho, chagava a posição contrária: a miscigenação não determinava nem afetava a realidade cultural; o contato entre grupos de cultura diversa tinha sempre como resultado o sincretismo cultural, o qual, se instalando no Brasil, abrandara as distâncias entre as raças e as classes sociais, dando possibilidade à coexistência delas. A heterogeneidade preocupava ambos os autores, e eles as encaravam de maneira oposta, considerando-a nociva ou valiosa.

A posição de Thales de Azevedo se afasta da de seus dois antecessores. Não via razão para se considerar a heterogeneidade, fosse ela racial ou cultural, como um fator ou nocivo ou indispensável ao progresso em geral. A heterogeneidade cultural é, para ele, um dado *de fato* em todas as sociedades, que se apresenta com mais clareza na brasileira; não a acusa, nem a enaltece, mas trata de diagnosticá-la onde existir, apontando tanto as convergências quanto as contradições étnicas e sociais que ocorram. Se os baianos apresentam características próprias que os definem, como se apresentam os gaúchos, e que aspectos os distanciam? Se, no Brasil, a sociedade de classes é também multi-étnica e multi-cultural, como se distribuem ambas pelas classes, como se interrelacionam? Existiria no Brasil uma “democracia racial”, e a esse respeito onde termina a realidade, onde começa a ideologia? O diferente, o desarmônico não constituiriam o cerne de todas as sociedades e grupos sociais através dos tempos? Como então acusá-los de nocivos, e, ao contrário, não constituiriam o essencial no todo social, sendo necessário captá-los, através do tempo pela auscultação da história, ou então pela descrição da própria época em que se vivia para compreender sua especificidade?

A preocupação de Thales de Azevedo com a cultura de seu país, estudando-a fosse por meio da inquirição da religião, fosse por meio da análise de outros aspectos culturais, enquadra-o entre os antropólogos sociais. Para a maioria destes, a Antropologia constitui uma espécie de fuga da reflexão sobre sua própria sociedade ou seu próprio grupo, isto é, fora da situação social a que pertencem; ela tem se desenvolvido, preferencialmente, pois, como um estudo de “povos primitivos”, ou então também de “camadas inferiores”. Constituem uma fuga a sua própria

realidade e manifestam-se fortemente marcados pela perplexidade diante da importante presença do *diferente* na sociedade que é a deles. Atualmente, a maioria dos antropólogos sociais, mesmo entre os maiores, encara sua disciplina como aquela que se volta para o conhecimento do *outro*, conhecimento que é buscado pela *penetração do antropólogo no horizonte do outro*, pela  *fusão de horizontes*; noutras palavras, seria indispensável ultrapassar as diferenças sócio-culturais existentes para se poder efetuar estudos válidos.

Thales de Azevedo, porém, se coloca num ponto de vista oposto: para ele, o ponto de partida é o *eu*, um “eu” baiano e brasileiro; assumindo plenamente esta posição, parte para o conhecimento do que estes dois qualificativos - *ser baiano e brasileiro* - cobrem. Não se trata, para ele, de penetrar o *outro*, nem de se igualar a ele nos termos em que, ainda hoje, continua a Antropologia Social e Cultural a definir seu objetivo; a tentativa de se colocar na pele de outrem está na base de técnicas assaz enganadoras, como a da *observação participante*, ou de outras de difícil definição, como a da *atitude de empatia*.

Para o Mestre analisado, trata-se de estudar aquilo que constitui sua própria experiência de vida, uma vez que é baiano e brasileiro. A Antropologia não constitui, então, um pretexto para a fuga do real em que o pesquisador vive, mas passa a ser a forma de penetração que considera mais válida para mergulhar em cheio no âmago da realidade estudada. Sua atitude não é nem superior, nem paternalista, nem carregada de ressentimentos ocultos resultantes de suas raízes sociais. A tensão entre *eu e o outro*, que em geral marca fortemente a postura tradicional antropológica, não desaparece; ao contrário, toma-se conhecimento dela e buscam-se as conotações preconceituosas subliminares que são sempre recíprocas. A coleta do material se opera então em situação de igual para igual - posição que permitiu a Thales de Azevedo efetuar reflexões válidas.

A heterogeneidade bio-cultural não é, pois, considerada maléfica ou benéfica; ela é um dado da realidade, sendo necessário captá-la tanto no interlocutor quanto no autor da pesquisa. O interesse está em buscar conhecê-la, verificando onde e como nasce, onde e como age, onde e como tende a se anular, onde e como surge ou renasce. As transformações, por sua vez, não são encaradas nem como um caminho para a *harmonização*, nem como um *desvio* pernicioso. São, isso sim, vistas como uma vigência habitual das diferenças num ponto e noutra do real; enquanto aqui se apagam, ali se realçam; acolá, onde não existiam, surgem e se desenvolvem. E que significados envolvem as diferenciações e semelhanças em constante variação? Eis o que é preciso captar, segundo Thales de Azevedo.

Para tanto, é inteiramente necessária a construção de categorias, afirmando que “sem estabelecer primeiramente algumas categorias descritivas de fiéis, não se pode compreender os fatos” (AZEVEDO, 1963). Foi além, e apontou a inexistência de separação rigorosa entre as formas de catolicismo que acabara de delinear, e as camadas sociais ou as divisões étnicas encontradas no país. Mostra que justamente a falta de correspondência clara e direta entre as camadas sociais e étnicas exis-

tentes no país, de um lado; as diversas formas de catolicismo que conseguiu delinear, não constituem um fator de afastamento ou de desinteligência entre camadas e diversidade racial; pelo contrário, a existência das diversas feições da religião católica em todas as camadas e grupos sociais passava a ser fonte de solidariedade de grande vigor para os indivíduos componentes de umas ou de outras. Thales de Azevedo construiu, pois, para o estudo do catolicismo nacional, conceitos de referência encontrados a partir de sua própria vivência do catolicismo baiano, indispensáveis para o que é observado na realidade empírica; criou, assim, uma tipologia cuja base é o próprio conhecimento *vivido* pelo católico que era, uma tipologia no sentido weberiano do termo, porém que apresenta a qualidade rara de a ter construído a partir de uma experiência vivida e não de um simples raciocínio.

\* \* \*

Terminando os estudos secundários, Thales de Azevedo matriculou-se na Faculdade de Medicina da Bahia, escola de nomeada, a mais antiga do país nesse ramo; formou-se em 1927 e exerceu sua profissão até 1942. Nesse primeiro período de exercício médico, além de estágios em várias entidades, seguiu cursos de extensão cultural em sua especialidade e publicou vários artigos em revistas e jornais. Ao se formar, defendera tese e obtivera o título de doutor em Ciência Médico-Cirúrgicas sobre sua especialidade. Os trabalhos que efetuou mostravam já seu interesse pela pesquisa, embora neste caso se tratasse de investigações na medicina; sua inclinação para investigador ia surgindo. Mas não era somente sobre assuntos de seu ramo que publicava; assim, em 1931, além de um estudo clínico de caso, impresso no Rio de Janeiro, em BRASIL MÉDICO e traduzido pelo THE JOURNAL OF THE AMERICAN MEDICAL ASSOCIATION, (Chicago, v. 98, nº 8), também veio a lume "Raças humanas superiores e raças inferiores", em MUNDO MÉDICO, revista do Rio de Janeiro, e reproduzido em A TARDE, jornal da Bahia, "contestando um médico do Rio de Janeiro que admitia aquelas distinções", diz ele (BRANDÃO, 1993, p.53 e p.65).

Em 1942, foi um dos fundadores da Escola de Serviço Social da Bahia, de que foi nomeado professor de Pesquisa Social e, em 1943, alçado ao posto de diretor da mesma Escola, cargo que exerceu até 1967. Ainda em 1942, estava entre os fundadores da Faculdade de Filosofia da Bahia, onde lecionou Antropologia Física, a partir de 1943, passando pouco a pouco a tratar de Antropologia Cultural, a que foi se dedicando cada vez mais, abandonando a Antropologia Física (BRANDÃO, 1993, p.54 e 55). Pouco a pouco se entregara, pois, às Ciências Sociais, que mais e mais o cativavam, como se verifica da publicação de suas obras, segundo o paciente e substancial trabalho realizado por Maria de Azevedo Brandão (BRANDÃO, 1993, p.35 a 42). Em sua vida de professor e pesquisador de Antropologia Sócio-Cultural, foi também convidado a dar cursos em universidades nacionais e estrangeiras, além de sua grande atividade na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, de 1943 a 1964.

Thales de Azevedo participou da sina daqueles que, na sua época, eram levados para as Ciências Humanas por seu interesse e entusiasmo: se instruíam sozinhos, instigados por seu amor àquela área de estudos. Não contavam tão pouco com as perspectivas de uma carreira; ao contrário, eram eles que criavam a carreira para difundir a ciência que os entusiasmara, e para tal deviam vencer um sem número de empecilho. Não existiam também facilidades de publicação, sendo raras as casas editoras para a publicação de suas obras, assim como as revistas em que publicassem artigos. A inexistência de mestres e de toda uma estrutura de base que amparasse seus esforços, obrigava-os a marchar sozinhos; tal situação operava uma seleção rigorosa entre os que pareciam interessados, afastando os menos persistentes e os menos dotados, continuando somente os que realmente manifestassem, além do entusiasmo e da inclinação, verdadeira competência para os trabalhos que se iniciavam.

Nas primeiras décadas deste século, toda uma plêiade de grandes nomes das Ciências Sociais formou-se nestas condições, até que o selo oficial das universidades facilitasse a aquisição de conhecimentos, oferecendo aos interessados guias que lhes mostravam os caminhos. Thales de Azevedo foi um dos que sobrenadaram no mar de obstáculos extraordinários, verdadeiros *heróis civilizadores* que introduziram instituições de ensino e abriram os primeiros caminhos na selva das Ciências Sociais, tornando-as também conhecidas e respeitadas por um público que as apreciava. Mais tarde, passando a existir pesquisadores que haviam tido formação profissional, continuaram sobressaindo pela acuidade de sua visão, pela perícia em manejar os instrumentos de trabalho, pela amplitude de sua experiência, e os recém-vindos não lhes fizeram sombra. Thales de Azevedo foi um típico desses primeiros exploradores.

São Paulo, 20 de janeiro de 1996  
Profa. Dra. Maria Isaura Pereira de Queiroz  
Professora Emérita - FFLCH/USP

## OBRAS CITADAS

- 1949 - AZEVEDO, Thales - *Povoamento da cidade do Salvador* - Salvador: Prefeitura Municipal, 415 p.
- 1953 - AZEVEDO, Thales - *Catholicism In Brazil: a personal evaluation* - THOUGHT: Fordham University Quarterly, New York, 28(100):253-274. Summer.
- 1953 - AZEVEDO, Thales - *Les élites de couleur dans une ville brésilienne* - Paris: Unesco, 107 p. (Col. Race et Société).
- 1963 - AZEVEDO, Thales - *Problemas metodológicos do catolicismo no Brasil* - REVISTA do Museu Paulista. Nova Série, São Paulo, 14:345-375.
- 1975 - AZEVEDO, Thales - *Namoro à antiga: tradição e mudança* - Salvador: Ed. do Autor/

- 1975 - AZEVEDO, Thales - *Namoro à antiga: tradição e mudança* - Salvador: Ed. do Autor/Banco Econômico, 69 p.
- 1993 - BRANDÃO, Maria de Azevedo - *Thales de Azevedo: dados de uma assinatura* - Salvador: Associação Brasileira de Antropologia/Universidade Federal da Bahia, 93 p.